



Design da(com) a t(T)erra: terrestre, território, terra- floresta e terraforming

Organizadores

Barbara Szaniecki

Carolina Noury

Kauê Marcos Pereira da Silva



Antropoceno. Aquecimento Global. Diante do desastre já em curso, organismos internacionais procuram encaminhamentos para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e, portanto, o aquecimento global. Para além das iniciativas institucionais, multiplicam-se iniciativas cidadãs de agricultura urbana e, mais em geral, de busca por outros modos de vida e de cuidados com a Terra como planeta e com a terra como matéria, dentre muitas significações. Movimentos sociais manifestam sua inquietação em eventos locais ou globais e, muito mais do que simples soluções técnicas, as novas gerações parecem procurar uma verdadeira transição e uma urgente reorientação. Nesse sentido, se as soluções “técnicas” são necessárias, elas são insuficientes para abrir o imaginário e o movimento necessários para a realização desta reorientação com muitos Ts.

Inspirado na leitura de Wellington Cançado, o termo t(T)erra pretende articular Ts oriundos de diferentes epistemologias e de diversas estéticas de vida. Após muitos anos desenvolvendo uma proposta de ecologia política, Bruno Latour denominou terrestre a reorientação necessária para sair da moderna tensão entre o global e o local, assim como enfrentar os tão contemporâneos negacionismos. A articulação entre o global e o local, assim como a conexão entre os seres e seus modos de vida, é muitas vezes concebida como território. Em outro canto do mundo, Arturo Escobar enfatiza a relevância dos territórios na sua obra e, também recentemente, os estende conceitualmente ao apresentar as noções de territorializações e territorialidades a partir de Carlos Walter Porto-Gonçalves. Esta extensão conceitual envolve uma multiplicidade de atores humanos e não humanos, reais e virtuais. Pelo seu viés absolutamente não utilitário, a terra-floresta tal como pensada por Davi Kopenawa e Bruce Albert é praticamente inconcebível para o pensamento hegemônico moderno. Não se trata de matéria-prima a serviço da humanidade, de natureza subjugada à cultura. Terra-floresta abole essa racionalidade dicotômica e nos demanda uma sensibilidade relacional e uma acuidade sensorial. Indígenas e quilombolas estão nessa frente t(T)erra. Contudo, diante da destruição da floresta amazônica, entre outros biomas, é importante considerar todo tipo de recurso teórico e prático. Para Benjamin Bratton, tanto o colapso climático quanto o colapso social devem ser enfrentados por meio de uma mutação tão geotécnica quanto cultural: terraforming. Paradoxalmente, para a recuperação do “natural”, é preciso apostar no “artificial”: mudanças climáticas antropogênicas devem ser abordadas com respostas tão antropogênicas quanto elas. Eis então os 4Ts que nesta edição pretendemos articular: terrestre, território, terra-floresta e *terraforming*.

Esses modos novos (ou nem tão novos assim) de abordar as questões da t(T)erra, demandam, portanto, sempre mais outras práticas visuais. Donna Haraway observa as práticas simpoiéticas de terrâneos, esses seres ctônicos que, ao produzir *String Figures* entendidas como configurações sociais e visuais, performam outros mundos. Já Bruno Latour, para apreender o Terrestre, propõe listar em cadernos aquilo que nos é necessário para viver. Em sintonia com esse pensador, Frédérique aït-Touati, Alexandra Arènes e Axelle Grégoire seguem de certa forma os passos dos viajantes que outrora procuraram mapear terras incógnitas, mas propõem descobri-la de outras maneiras a partir de outros paradigmas e sobretudo de outras práticas de terraformação entre outras grafias da terra. Por um viés mais tecnológico, Benjamin Bratton contrapõe duas imagens: a famosa fotografia da Terra feita pelos astronautas da Apollo 17 (Bola de Gude Azul, 1972) e a recente imagem realizada pela rede de telescópios Event Horizon (Buraco Negro, 2019). Esta última não deixa de ser uma metáfora da atual catástrofe, mas a aposta do autor não é nada catastrófica e tem seu cerne no design. Que design? Nossa aposta é em um Design da e com a t(T)erra a inventar, que possa abrir novas grafias e outros imaginários tanto com as imagens de papel das bibliotecas quanto com as imagens vistas pelos xamãs nas florestas. Se considerarmos que a crise da representação estética acompanha a atual crise de representação política, faz-se urgente observar também as imagens das manifestações e movimentos contemporâneos por ressurgências da t(T)erra, de modo a apreender seus gestos e seus desejos expressos.

Atendendo esta chamada, recebemos muitos artigos e selecionamos os que seguem:

Embora o design seja uma prática nascida no espaço urbano, para fins de industrialização e desenvolvimento, hoje designers se juntam a agricultores entre outros cidadãos para produzir alimentos e, não apenas. Com efeito, juntos, eles territorializam a cidadania e geram uma ecocidadania. No artigo "*Hortas urbanas na produção dos 'espaços comuns': o desenho do território no Rio de Janeiro*", as autoras Fernanda Sánchez, Lorenza Paste Yang, Luiza Helena Gualberto utilizam os conceitos de "Buen-vivir", "espaços comuns" e "pluriverso" para caracterizar as hortas urbanas e o próprio território carioca com base em detalhados mapeamentos.

Território é também um modo para articular naturezas e culturas. Em seu artigo "*A floresta como recurso? Notas amazônicas sobre biodiversidade, territórios e a agenda econômica dos produtos florestais não-madeireiro*", Mariana Faro Ferreira apresenta

categorias relacionadas a possíveis leituras sobre a floresta, a saber: biodiversidade, território, desenvolvimento sustentável e produtos florestais não madeireiros (PFNM). Ao focar na discussão acerca dos PFNM, a autora alerta para o fato que, apesar de alguns êxitos em sua comercialização, a conservação dos ecossistemas e a melhoria dos meios de subsistência não devem ser dados como garantidos. Muito pelo contrário, faz-se necessário problematizar a possível *desterritorialização* de frutos, sementes, raízes e outras espécies/saberes que, encampados a nível global na categoria dos PFNM, carregam modos de cultivo, manejo, extração e usos particulares, indissociáveis das práticas da população local.

Saindo do território florestal e retornando ao urbano, redescobrimos práticas não totalmente esquecidas, mas talvez um tanto negligenciadas pelo design moderno. As ruas dos centros das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói participam da pesquisa de Raíssa Joanna Vítola Albuquerque e Julie de Araujo Pires. No texto "*Criação residual: ambiente urbano e objetos reflexivos de design*", as pesquisadoras narram processos de apropriação poética dos trajetos realizados por elas nos espaços públicos dessas duas cidades. Neste processo, são incorporados rastros criativos e existenciais de "outros". Os lugares e os sujeitos se envolvem e se transformam. Recipiente de coleta de escritas de diário, fotografias, trajetos, impressões e um objeto, um não mapa de registros múltiplos, o texto provoca uma compreensão do mundo que passa pelos gestos de caminhar, observar, escrever, fotografar, criar, observar como movimentos geradores de possibilidades outras.

Localizada entre as cidades do Rio de Janeiro e Niterói está a Baía de Guanabara. Enquanto o texto anterior percorreu os centros dessas duas cidades no entorno da baía, Kauê Marcos Pereira da Silva percorreu os entornos e interiores das águas da Guanabara. Em seu texto "*Guanabara, imensidão e abismo: contradições e convergências*", o autor traz uma coleta de registros de uma paisagem no Antropoceno. Imagens de imensidão e abismo, de belezas e terrores, de contradições e convergências, de eixos no horizonte e no nadir de um território aquático em constante transformação. vem à tona os descartes nas águas guanabarinas.

Também percorrendo as ruas do Rio de Janeiro, Ana Quintslr busca destacar a representatividade de mulheres em monumentos espalhados pelos bairros da cidade. A partir dos ataques e remoções de monumentos em homenagem a personagens representantes das narrativas do Antropoceno, o artigo “*Estátuas em colapso e um olhar crítico para a representação de mulheres*” apresenta a disputa e o colapso dessas narrativas que moldaram o mundo moderno. Ana Quintslr realiza a análise dos 23 monumentos dedicados a mulheres espalhados pela cidade para trazer à tona histórias silenciadas e vidas apagadas pelo projeto moderno.

Maria Quitéria da Bahia não é um desses monumentos, mas Carolina Noury apresenta, a partir de uma escuta-escrita, a narrativa dessa preta-velha para compreender o processo de des/reterritorialização vivido pelos povos da diáspora africana. O artigo “*Maria Quitéria da Bahia. Pisar e cultivar o chão: territorialidades de uma preta-velha*” apresenta os pontos riscados dessas entidades como uma das grafias ancestrais que mantiveram o vínculo com o chão fortalecendo a identidade e a permanência da vida desses povos em um novo território. Essas linhas que compõem os pontos riscados promovem outras leituras de mundo a partir da territorialidade dos povos da diáspora africana que reinventaram outras maneiras de existir.

Seja pelas imagens dos monumentos dedicados a mulheres, seja pelos pontos riscados de pretos e pretas-velhas, ambos os trabalhos pensam o design a partir de outras grafias e narrativas ancestrais que promovem uma abertura de imaginários para outros modos de vida. A partir do olhar para o outro, mulheres e pretas-velhas, Ana Quintslr e Carolina Noury buscam apresentar uma reorientação de um design que se pretende universal para um design da(com) a t(T)erra.

Um último bloco de textos apresenta práticas e cenários para um futuro não muito distante, ou melhor, um futuro já presente. No artigo intitulado “*Instintos poéticos: gestos de conexão multiespécie em processos de criação artística*”, Barbara Castro e Doris Kosminsky articulam escritos de Charles Darwin reflexões de Edgar Morin, Tim Ingold, Donna Haraway e Ailton Krenak para pensar a conectividade das relações entre seres vivos, humanos e não humanos, através de vários gestos de conexão: o cultivo, a

contemplação, a aproximação, o estranhamento, o abraço, o amor, o silêncio, o afastamento e o retorno. Trata-se aqui de mostrar como a produção artística pode catalisar processos sensíveis em outros humanos e outros seres vivos, destacar assim a importância da experiência estética como estratégia distinta de sobrevivência baseada na conectividade com o outro.

E, por fim, o artigo "*Design, ontologia, especulação: sobre o projeto Cenários de futuros urbanos frente a mudanças climáticas*" apresenta duas atividades práticas (workshops) realizadas nas cidades do Rio de Janeiro (Brasil) e de Copenhague (Dinamarca). Os autores Daniel B. Portugal e Wandyr Hagge estão à frente do projeto *Cenários de futuros urbanos frente à mudança climática*, cujas bases e pressupostos teóricos são debatidos antes da apresentação dos workshops e de algumas breves comparações preliminares dos resultados dessas atividades.

Em suma, para esta chamada "**Design da(com) a t(T)erra: terrestre, território, terra-floresta e terraforming**", recebemos um leque de contribuições muito enriquecedoras para o debate acerca das questões socioambientais contemporâneas, com outros nomes, atores e práticas. Agradecemos os autores pelas suas contribuições e esperamos que a publicação gere redes e oportunidades de muitas trocas.